



Dossiê Psicanálise em tempos difíceis: a clínica como objeto de resistência ao sofrimento e à dor

A dicotomia da natureza humana

The Dichotomy of Human Nature

 Ronaldo Victer

Resumo: Trata-se de um ensaio psicanalítico-científico pondo a dicotomia como uma questão distinta da dissociação, enquanto estrutura de natureza mental. O autor utiliza de exemplos do cotidiano para dar foco ao modelo dicotômico do funcionamento mental, como algo ubíquo. Aponta a concepção dualista de Freud na conceituação dos preceitos psicanalíticos em face seu raciocínio cognitivo básico. Assim como faz analogia da dicotomia com experiências sobre o corpo de possuir dois braços, duas pernas, dois pulmões, duas partes cerebrais. Evoca os autores Piera Aulagnier, Elizabeth Howell e Ronald Fairbairn para repassar conceitos de dissociação e por Luis Cabré quanto aos conceitos de Spaltung de Freud e de Splitting de Ferenczi. Ao final, busca consubstanciar com novos exemplos a necessidade humana permanente de reintegração consigo mesmo, representando a vívida movimentação da profunda experiência da dicotomia interior da natureza humana.

Palavras-chave: dualista; dissociação; uno; integração; síntese.

Abstract

This is a psychoanalytic-scientific essay that presents dichotomy as a distinct issue from dissociation, as a structure of mental nature. The author uses everyday examples to focus on the dichotomous model of mental functioning as something ubiquitous. He highlights Freud's dualistic conception of psychoanalytic precepts considering his basic cognitive reasoning. He also draws an analogy between the dichotomy and experiences of the body, namely having two arms, two legs, two lungs, and two brains. He evokes authors Piera Aulagnier, Elizabeth Howell, and Ronald Fairbairn to review concepts of dissociation, and Luis Cabré regarding Freud's concepts of Spaltung and Ferenczi's Splitting. Finally, he seeks to substantiate with new examples the permanent human need for reintegration with oneself, representing the vivid movement of the profound experience of the inner dichotomy of human nature.

Keywords: dualistic; dissociation; one; integration; synthesis.

1. Introdução

Quantas vezes se ouve por aí a expressão, “falarei de uma ou duas coisas ...” Frase de retórica ou não, mas, algo coloquial e bem comunicativo. Expressão que induz compreender algo banal pela apreensão intelectual do cotidiano. O sentido da frase viria pela compreensão pré-determinada que “uma ou duas coisas” constituem uma só “estrutura”. Algo de rápida apreensão.

Rápida apreensão, porque em todos os momentos, o raciocínio intelectual une duas pontas, como se movimentasse por tese e antítese. A finalização será uma síntese das ideias de prós e contras, por um movimento cognitivo, entremeando os conhecimentos prévios com os circunstanciais de alguma pessoa. Supostamente, algo assim: se a atenção estiver com foco para o lado do claro, o contraponto do raciocínio da pessoa estará voltado para o lado escuro; se o foco estiver dirigido para o frio, o contraponto será o quente; se, for para o dia, será para a noite etc. Se, acaso, houver ideação para julgamentos e condutas, qual medida a tomar, conclusões definir-se-ão pelas marcas de pesos e contrapesos do contraditório aventado e assim por diante.

No entanto, se a pessoa aprofundar seu conhecimento intelectual, na direção do exame sofisticado de grandes obras literárias de autores universais, como Dostoiévski, Shakespeare ou Machado de Assis etc., a fim de melhor compreensão da estética literária genuína do autor, perceberá na composição literária as duas partes interligadas entre si, moldando-se como argumentos e contra-argumentos. Embora seja algo eminentemente de percepção pessoal, às vezes percebido, proporcionará o lado estético do jogo entre argumentos e contra-argumentos da obra literária em questão. Do mesmo modo, os heterônimos de Fernando Pessoa em suas expressões poético-literárias e os tantos outros exemplos. Por que inquirir sobre algo ubíquo? Por quê? Porque o principal motivo, aqui, é reunir em um argumento que dê foco ao modelo dicotômico do funcionamento mental.

Acrescento três exemplos da força da dicotomia mental. O primeiro exemplo é da postura assumida de Freud, quando ele explicita o seu estilo de raciocinar. Claramente, ele busca configurá-lo como ubiquidade: “Nossa concepção *dualista* vem desde o início e continua sendo, ainda mais que denominamos as antíteses, não como instintos do *ego* e instintos sexuais, mas como instintos de vida e instintos de morte” (Freud, 1920/1967, p. 1120). Inúmeros exemplos poderão se destacar na obra de Freud, principalmente, o jogo científico psicanalítico de suas propostas, entre o “consciente *versus* inconsciente”; “sonho *versus* lucidez” etc. Também, vale observar um dado excepcional da pessoa de Freud, qual seja, a condição inerente de ele possuir consigo um fator diferencial crítico-intelectual, que funcionava como fonte de satisfação e o impulsionava para a produção científica da Psicanálise.

Algo facilmente detectado em sua história e está abalizado no trabalho de Peter Gay da seguinte maneira:

Mas o fenômeno de opostos marcantes parece ter proporcionado a Freud um sentimento de satisfação e arremate: em seus textos, proliferam os confrontos entre ativo e passivo, masculino e feminino, amor e fome, e agora, depois da guerra, vida e morte. (Gay, 1989, p. 365)

Na verdade, tento sugerir que há inúmeros exemplos sobre o modo de funcionamento do raciocínio humano, moldando-se à dicotomia. Os exemplos podem sugerir uma simples ação normativa de buscar uma síntese de compreensão, assim, não serem consensuais enquanto exemplos da dicotomia. Mas, se disserem, que são meras imagens retóricas e pouco convincentes como exemplos, talvez, possam concordar que em nome da clareza de um texto, certos autores se apeguem ao modo de argumentar e contra-argumentar seus textos. Mesmo assim, se ainda insistirem, questionando, que frente a um tema complexo, o texto demandaria comparações cotejadas, semelhantemente a quando se examinam duas faces da moeda, então, admitiriam o funcionamento dicotômico da mente? Se, perante o esforço de vir a ter um raciocínio conclusivo sobre questões paradoxais, as antinomias intelectuais permanecessem visivelmente incongruentes no texto, isso não provocaria estranheza em um leitor eventual, soando como algo incompleto? Uma estética literária fragmentária provocaria ou não estranheza a um leitor?

O segundo exemplo é relativo ao quanto nossa experiência cognitiva, intelectual, estaria harmonizada com as incontáveis provas cabais, cumulativas das coisas se comporem de duas partes. A começar pela experiência do próprio corpo, ao constatarmos desde a infância, ter dois olhos, duas orelhas, duas narinas, duas mãos, dois braços, duas pernas, dois pés, os homens terem dois testículos, o corpo ter o lado direito e o esquerdo. Depois, aprendermos na escola, que temos dois pulmões, dois rins, duas partes de cérebro, duas partes funcionais de coração, dois ovários nas mulheres, e que o fígado possui duas partes, que há dois tipos de intestinos. Ao final, ficarmos sabendo que somos o resultado da fusão de dois gametas X e Y, por uma concepção sexual de dois seres, homem e mulher. Então, somos um corpo com duas partes integradas, em uma mesma estrutura funcional e que se movimenta. Se estudássemos a teoria kleiniana, assimilaríamos, facilmente, os conceitos de “seio bom e seio mau”. Consubstanciaríamos nossas convicções, através das experiências de nós mesmos, da composição de dois lados estruturados em um só corpo e com experiências cognitivas para além das percepções sensoriais. Enfim, o conhecimento intelectual humano é, desde sempre, resultante das experiências abrangentes da dicotomia.

O terceiro exemplo é extraído do campo filosófico, uma citação feita por Michel Blay, referindo-se ao processo de formação e de crescimento das coisas materiais, enquanto *princípio imanente*, sobre a ideia de natureza: a ordem dicotômica. O seguinte: “Platão e seus sucessores, principalmente Eudoxe de Cnide (século IV AC) e Aristóteles elaboraram um mundo que, em sua essência, está constituído pela dicotomia entre o *mundo supralunar* e o *mundo sublunar*” (Blay, 2017, p. 54). Entendiam a Terra no centro, imóvel, cercada pelo *mundo sublunar*, submetido à geração e à corrupção, e pelo *mundo supralunar* incorruptível dos céus, formando um cosmos fechado submetido à necessidade. A importância dessa ideia a partir de Aristóteles, segundo a qual a natureza *dicotômica* foi constituída como base para a compreensão racional do que cerca o ser humano, enquanto *princípio imanente*, caracteriza a organização de mundo humano pelo horizonte dicotômico.

Estariam evidentes os objetivos aqui traçados para reunir algumas amostras oriundas de conhecimento prático, cognitivo-intelectual, na tentativa de enfatizar a constatação das coisas terem duas partes como também a de manter uma pergunta subliminar, a saber: por que normatizamos a dicotomia em geral? Também, enfatizar a constatação das coisas terem duas partes. Resta, então, tentar aproximações sobre a dicotomia da natureza humana, em relação a como se instalaria o processo cognitivo, levando em conta o grau de complexidade do ser humano sob todas as dimensões. Inclusive, admitir a possibilidade humana cognitivo-intelectiva de depreender conhecimentos adequados, em geral, pelo processo fractal, ou seja, “entender o todo pela parte e vice-versa”.

2. Desenvolvimento

Piera Aulagnier traz uma ideia teórica sobre a formação do sistema mental que guarda consonância com os propósitos deste trabalho. Em linhas gerais, sua principal tese é a de que a atividade fisiológica do corpo humano constitui em si-mesma, a base, o modelo, para as representações mentais. Propõe três processos de desenvolvimento: *os originais*, *os primários* e *os secundários*, e, por conseguinte, traz o conceito de *pictogramas* que estabelecem pontes de contiguidade e/ou continuidade entre uma função orgânica e uma representação mental (Aulagnier, 1979).

Dando continuidade ao pensamento de Aulagnier, é possível afirmar que desde a fase inicial da vida humana, ainda feto, e, a partir do início do amadurecimento do sistema nervoso central, o sistema mental molda-se e desenvolve-se em face da própria flexibilidade funcional. Reproduz-se em protoimagens, ininterruptamente, desde o estímulo oriundo do meio aquoso uterino, prosseguindo

pelo meio gasoso extrauterino, por imagens amorfas mimetizadas dos sensórios orgânicos que representarão o funcionamento do sistema mental.

Muito importante salientar que a sensorialidade da criança nos contatos epidérmicos de caráter subjetivo com o (a) cuidador (a) reaviva ininterruptamente a experiência afetiva abstrata com o (a) cuidador (a), de cujo contexto transparece a dinâmica intensa de complexidade da estruturação mental entre criança e meio cuidador.

Representações mentais surgem ao mesmo tempo, sem as devidas distinções funcionais para o cômputo das origens, nas experiências primevas do ser humano. O nascimento acelera o processo do desenvolvimento mental, produzindo incontáveis representações mentais que seguirão em moto-contínuo, moldando a formação típica do sistema mental ao longo da vida. Inclusive, formando a própria experiência de ressignificar manifestações de sobrevivência, ainda em fase mental sem formações simbólicas. Tais assertivas aqui, não possuem o caráter comprobatório legitimados por testes definitivos, apenas, o que há é o caráter de tentativa de compreensibilidade teórica em torno do mental.

O sistema mental consolidaria o seu funcionamento espelhando-se em dois planos simultâneos de incidências. O plano oriundo da atividade fisiológica sensório-motora, de movimentos musculares constantes dos membros expandindo-se e retraindo-se; de deglutir e de evacuar; de movimentos mesclados com os diversos sons dos intestinos; do coração e dos pulmões e narinas; e o do plano oriundo do manuseio ativo do (a) cuidador (a) sobre a epiderme do corpo da criança, estimulado pelo afeto da relação. Todos esses fatores resultariam no conjunto de experiências estruturantes da enorme complexidade mnêmica cognitivo-prazenteira do sistema mental humano.

Independente de conteúdo, imagens sonoras, visuais amorfas ou indefiníveis, ainda, no período fetal, compõem um conjunto sem a moldura limitadora e proporcionadora da experiência de dentro/fora, sem a experiência de nominação. Entretanto, no ato de nascimento do bebê, surge a primeira manifestação da atividade do sistema mental, o sonho. Nas experiências duplicadas de dormir/acordar, posteriores, o bebê sucessivamente desenvolve o processo onírico, configurando-o no sistema mental sob o princípio dicotômico da referida experiência basal como “se” desse origem a dois cérebros funcionarem no único sistema mental. No mesmo ato de nascimento, inicia-se, também abruptamente, o funcionamento pulmonar com movimentos de inspiração/expiração, juntamente com ruídos nasais e da glote. Logo, pode-se ter a máxima: o sopro do ar nos pulmões faz o sistema mental sonhar e o recém-nascido sentir a vida.

Um trecho do artigo “Adição Metapsicológica à teoria dos sonhos”, Freud diz: “O sono é somaticamente um retorno ao útero materno, com todas as suas características de quietude, calor e ausência de estimulação. Muitos homens chegam até a assumir a posição fetal durante o sono” (Freud, 1915/1967, p. 1069). Se o sono tenta remeter às antigas experiências de viver do mundo uterino, o sonhar lança para além das experiências conhecidas. Daí, considerar como questão o quanto a experiência de transitar entre duas condições, dormir/sonhar, transformaria a experiência basal-primeva do ser humano, estimulando-o desde sempre, ininterruptamente, à experiência de compreender si mesmo, gerando, assim, em comportamentos futuros, a necessidade inerente de narrar o seu processo onírico. Cada vez mais, a cada dia, as experiências tenras de uma criança transformar-se-iam pela idade, até formularem raciocínios validados pelo cuidador (a). A partir deste ponto, a comunicação verbal se reproduziria sempre na forma dicotômica de narrar, como uma forma magnética igual ao dos polos de um ímã – inevitavelmente!

Na prática, a característica do desenvolvimento da fase infantil é a rapidez das transformações anatômicas, açambarcando o lado fisiológico e o interior psicológico mediado numa dinâmica com o sistema cuidador. Face à rapidez, as transformações impõem-se como força coercitiva ao sistema mental, aproximando experiências separadas como duplicadas de si mesmas, seja dormir/acordar ou dormir/sonhar. Algo que funcionaria com semelhança à equação matemática, buscando repetir resultados de mesma grandeza, ou algo com efeito semelhante à metonímia. As experiências dormir/acordar e as experiências dormir/sonhar seriam vividas sem qualquer distinção entre as duas. Nas experiências diárias, o bebê tenderia a sentir o sonho com o frescor vívido da vida desperta, e vice-versa. No fundo, tornar-se-iam fontes inextricáveis dos contextos cognitivos na vida futura. Corroborando essas palavras, transcrevo um trecho de Aulagnier:

[...] desde a origem da atividade psíquica, constata-se a presença e a pregnância de um *fenômeno de especularização*: toda criação da atividade psíquica se dá à psique como reflexo de sua própria imagem, força que engendra a imagem de coisa na qual ela se reflete; reflexo que ela contempla como sua criação “imagem” que é conjuntamente para a psique, apresentação do agente produtor e da atividade produtora. (Aulagnier, 1979, p. 50)

Posteriormente, na medida em que as experiências se consolidem, as convicções, em geral, sobre as coisas tornar-se-iam percebidas por prismas duplos, compreendidas por simbolizações e cognições forjadas a partir das respectivas experiências. Por conseguinte, passariam a ser a base para *o desenvolvimento do sentido de realidade*, para vida.

Vamos considerar, que, nas primeiras experiências do bebê, as imagens configurar-se-iam por modelos visuais, sonoros, táteis, olfativos e proprioceptivos, intermediados por afetos dos (as) cuidadores (as), nos quais o sistema mental se desenvolveria por diferenças entre o processo onírico e as percepções sensório-motoras no estado vígil. Vale dizer, o encadeamento da figurabilidade onírica seria extremamente singular, conforme o sentido vivido por cada ser humano desde sua fase de bebê. Mas permaneceria impreciso o espectro da figurabilidade gerado pelo sistema mental, e ainda que plenamente preenchido de significados funcionais.

Como caracterizar a imagem do campo onírico? E, no âmbito geral, como referir-se à imagem? Podemos destacar quatro conotações da palavra imagem, obtidas no vocabulário de filosofia de André Lalande:

1. reprodução, seja concreta ou mental, do que foi percebido pela visão [...]
2. um gesto residual, como um eco, um simulacro, um fantasma, uma *imagem* da sensação primitiva [...]
3. representação concreta construída por novas combinações pelas suas formas, se não pelos seus elementos, que resultam da *imaginação criativa* [...]
4. a palavra imagem tem sido frequentemente estendida a qualquer apresentação ou representação sensível. (Lalande, 1996, pp. 464-465)

As quatro conotações propostas acima, embora oriundas do campo filosófico, aproximam-se da figurabilidade exercida pelo processo onírico, na medida em que o conteúdo ensejaria uma interpretação do significado. Exatamente, nesse sentido, destaco o seguinte trecho de Freud:

[...] a elaboração onírica a representar, *simbolicamente* a natureza do órgão da qual se emana o estímulo. Forma-se deste modo uma espécie de *chave dos sonhos* que nos permitiria deduzir das imagens oníricas as sensações somáticas e os estados orgânicos da excitação que as provocaram. (Freud, 1901/1967, p. 370)

Se levarmos em conta o esforço individual para compreender a própria experiência onírica, que se depara com acesso único de rememoração das imagens oníricas, cuja experiência reproduziria em si conflitos reprimidos, censurados e fomentados de angústia, admitiríamos um desfecho fracassado. Novamente, o êxito manifestar-se-ia por uma dinâmica binária entre a imagem/o original e o dentro/fora, impondo a via de “dois olhares” pelo sistema mental dicotômico da compreensão.

Uma das atuais autoras psicanalistas, Elizabeth F. Howell, em seu livro *The Dissociative Mind*, apresenta os exames epistemológico e psicanalítico em torno da dissociação, com notáveis ideias genuínas, p.ex., diz: “Um modelo da mente dissociativa é potencialmente transformador da maneira como conceituamos os processos mentais. Vistos através das lentes da dissociação, muitos

dos nossos conceitos de palavras-chave em psicanálise têm um significado organizado de forma diferente” (Howell, 2005, p. 8). São notórios os conceitos seminais de Freud, quanto ao modelo de mente tripartite: *ego*, *superego*, *id*; a divisão da mente *consciente* e mente *inconsciente*; *memória explícita* e *memória implícita*. A autora chama atenção sobre o fato de que “mesmo nossos conceitos de sanidade e insanidade devem passar por revisão” (Howell, 2005, p. 8). No fundo, a clínica da psicanálise baseou-se no funcionamento dividido da mente humana. Então, faz-se necessário lembrar o quanto, entre os diversos autores, a abrangência teórica dos conceitos de *posição esquizoide* e *posição depressiva* de Melanie Klein, na difusão da psicanálise pelo mundo, permanece firme na atualidade.

Entre os principais autores destacados da literatura psicanalítica, em torno de dissociação da mente, encontra-se Ronald Fairbairn. Suas proposições originais são distintas das formuladas pelos precursores Pierre Janet e Freud e têm encorajados o foco deste trabalho. Também é relevante sustentar, sob o ponto de vista de Fairbairn, como hipótese heurística a dicotomia do sistema mental existir para além da posição teórica da psicopatologia inerente à dissociação da mente.

Em um dos trabalhos, Fairbairn desenvolve algumas elaborações teóricas, considerando quatro itens para melhor configuração da dissociação, como os seguintes:

1. a dissociação é em si um processo *normativo*, embora, como outros processos mentais, tenha uma patologia própria. [...]
2. outra implicação alcançada, sob ótica da dissociação, que ela é um processo essencialmente *ativo* [...]
3. trata-se de um processo inconsciente ou *involuntário*, isto é, o sujeito não está ciente de que o processo está acontecendo, ele só pode estar ciente dos resultados do processo [...]
4. uma quarta implicação da concepção de dissociação, que foi alcançada, é que o processo está alinhado com um processo *biológico* fundamental. (Fairbairn, 1994, pp. 51-53)

Na citação dos quatro itens, o autor realça em itálico quatro palavras, *normativo*, *ativo*, *involuntário* e *biológico*. Palavras que, por si só, designam o sentido funcional do processo dissociativo, moldando-o e estratificando-o em partes. Fairbairn acrescenta o “normativo”, o sentido de algo contumaz de experiências humanas, nem sequer negado. Como a experiência de sonhar – algo universal. Por exemplo, quando uma pessoa dormindo se sente estar em uma realidade que ela é participante e espectadora, ao mesmo tempo, em um cenário onírico inverossímil. Para “ativo”, o sentido de existir refere-se à ação de um processo mental como inaceitável no contexto, gerando a reação imediata contrária, seja por um sentimento de estranheza em geral ou de autocrítica tipo superegóico. Na experiência de sonhar, o sentido de ativo ocorre nas ações dos “sonhos de angústia” que impedem a pessoa de dormir. Enquanto o sentido “involuntário” significa o processo dissociativo

independe da vontade objetivada ou arquitetada por uma atitude acertada. Ou seja, o processo dissociativo segue uma linha conforme seus matizes espontâneos em cada pessoa desde sempre. Dentre os matizes relacionados acima, haveria o polo do prazer. Por último, o termo “biológico” relaciona-se ao que possui determinadas qualidades de existência, como: “[...] 1. Conservação – a base de todo o desenvolvimento mental; [...] 2. Seleção – é o que determina a direção que o desenvolvimento tomará [...] 3. Coesão – os fenômenos incluídos sob conceito de coesão” (Fairbairn, 1994, pp. 53-54). Ao apreciar a condição de “biológico”, como uma das bases do processo dissociativo, eleva-se à concepção para algo estável, possuído do sentido de previsibilidade funcional.

Poder-se-ia dizer que se trata de algo integrado por quatro níveis, de modo funcional, interatuante mutuamente, como a um “órgão”, delineado pelo próprio sistema mental. Se a metáfora de “órgão” fizer sentido para a compreensão do sistema mental humano, logo, compreender-se-ia a “dicotomia da natureza humana”. Todos sabem que o ser humano nasce, vive, convive dividido com outros seres humanos igualmente divididos, buscando ao longo da existência integrar-se. Tanto a ação ou ato de integrar-se consigo mesmo, para vir a ser *uno*, como juntar-se ao mais próximo ser humano. Há uma observação ligeira, nesse sentido, feita por Ferenczi, acentuando o essencial dito acima: “cada ‘adulto’ que ‘cuida de si mesmo’ está clivado (não é unidade completa)” (Ferenczi, 1992, pp. 277-278).

3. Conclusão

Este ensaio teórico, psicanalítico-científico, visou se manter com as características reflexivas e interpretativas sobre o tema dicotomia da natureza humana. Embora sem conclusões definitivas, tentou recrudesce pesquisas sobre estrutura do sistema mental e avançar na diferença entre dicotomia e dissociação (cisão). Importante salientar, que sob o aspecto de linguagem popular tal diferença inexistente, assim como sob o aspecto conceitual da literatura psicanalítica não desperta tanta especificidade. A explicação direta dessa pouca atenção recai sobre uma explicação referente ao fato de o conteúdo abstrato estar distante da prática clínica e sem visibilidade teórica relevante.

Se a diferenciação em si não foi foco de investigação entre os autores psicanalíticos, a perspicácia de Luís Cabré proporciona sinais para o destaque deste trabalho, quando estabelece dessemelhança entre *Spaltung* descrito por Freud e *Splitting* por Ferenczi. Cabré esclarece que:

Enquanto para Freud, em relação à cisão (*Spaltung*), uma parte do ego aceita a realidade e a outra a nega, para Ferenczi na cisão (*Splitting*) uma parte morre e a outra vive, mas vazia de

afetos e alienada de sua própria existência, como se fosse vivida por outra. (Cabré, 2000, capítulo 5)

Mais precisamente, quando anuncia que o “conceito de *Splitting*” de Ferenczi e o de *Spaltung* de Freud, argumentando que os dois conceitos “nem sempre estão bem diferenciados e definidos [...] os dois conceitos são traduzidos com o termo cisão [...] trata-se de dois termos distintos e de nenhum modo equivalentes” (Cabré, 2000, cap. 5). Adiante, afirma o autor que o conceito de *Spaltung*, em Freud, possui um histórico amplo, ao longo da obra, e que “é fundamental para a compreensão da origem do psiquismo”. Ferenczi trata *Splitting* para além de “um mecanismo de defesa, como um mecanismo de sobrevivência”, como sobrevivência das experiências traumáticas.

Aqui, o ponto a valorizar diz respeito ao conceito de *Spaltung* de Freud, porque tem substancialmente algo do conceito presentemente ordenado de dicotomia da natureza humana ainda que seja necessário advertir quanto ao fato de Freud não ter feito tamanha afirmação!

Ainda, caberia refrisar alguns efeitos psicológicos da dicotomia na formação do sistema mental humano. A começar com a angústia detectada nos primeiros momentos do nascimento. Isso tanto poder-se-ia observar no recém-nascido, quanto o próprio recém-nascido expressaria para si, nas primeiras experiências, a inquietação intrínseca do “esforço” para unir-se ao que foi separado dele ao nascer. Reintegrar-se seria o objetivo. Logo, situaria dentro de um espaço mental paradoxal. No fundo, as primeiras experiências se desenvolveriam em um espaço atroz, quando o bebê se movimentaria para integrar as partes separadas, dele e do mundo aquoso uterino, frente à inexequibilidade da ação de retorno, assim, rompendo em busca de um caminho da sobrevivência e de cunho inexorável. Não obstante, isso transformaria a existência de si mesmo, mobilizando-se enquanto sistema mental para uma força essencial de humano. O efeito final se revelaria nas consequentes transformações de qualidade da sustância do próprio sistema mental. Para todo o sempre, a natureza humana do bebê se desenvolveria em uma única direção, a de reunificar partes de si.

Quando se observam pessoas transmitindo mensagens alvissareiras de união dos sentimentos e de integração grupal, observa-se realçado nesses momentos o lado do bem-estar social. Atitudes muito bem aceitas por todos. Quando em um gesto natural, algo espontâneo, simples, universal, o de juntar as palmas das mãos em prece significando agradecimento, também, bem aceito por todos. Quando se sente o prazer de um abraço afetuoso de um amigo, ou como afago vindo uma criança, ou de um apoio de consternação na hora da separação de morte, são gestos bem aceitos. Comunicações verbais representando acolhimento, comunhão com o próximo, solidariedade social, sempre são

benvindas. O quanto uma estrofe de poesia significando laço amoroso, repercute agradavelmente, nos anseios sentimentais das pessoas? O quanto uma mensagem de “calor humano” se consolida como experiência renovada da antiga busca da reunificação profunda da dicotomia do sistema mental? O quanto as experiências de identificações psicológicas, aquelas muito descritas na literatura psicanalítica, representariam experiências das tentativas de integração entre “eu e tu”, uma essência humana de pôr-se no lugar do outro, seriam para vencer a dicotomia da natureza humana?

A permanente busca humana de reintegração do sistema mental, representaria em si mesma, a movimentação vívida da experiência profunda da dicotomia interior. Busca representada nos diversos segmentos criativos da presença humana. O quanto desde o início da humanidade até hoje, buscaram-se vínculos entre pessoas que morreram com as que estão vivas, por ideais místicos fortemente mantidos enquanto anseios de união fantasmagórica? A referência à *alma post-mortem*, como unidade integrada da outrora vivacidade de um ser humano, configura a síntese cultural do desejo de vencer a separação inexorável entre pessoas. Assim como o notável imbricamento concentrado na palavra latina *religatus*, traduzida por “ligado ou religado”, tem construído sólidas estruturas denominadas de religiões, cujos alicerces são posições claras de incentivos para todos se conectarem ou se ligarem ao ente superior, objetivando obter fusão de forças para vencer separações. São formas humanas de buscas incessantes de manter parcerias estáveis, no fundo, ilusões para eliminar a experiência de dicotomia do sistema mental. Parcerias de múltiplas adversidades.

Quando, então, as experiências marcadas por frustrações do sistema mental, sob quaisquer dimensões, recrudescem angústia, carregam-na para o polo sintomático da experiência dissociativa (cisão). Por conseguinte, o processo que se instalaria, reconduziria a angústia livre para a abrangência da psicopatologia em geral. Dependendo da extensão, os possíveis meandros de integração do sistema mental, às vezes, poder-se-iam dissolver-se e no lugar surgiria a dissociação mental (cisão) defensivamente. O trabalho de Freud, “Cisão do *ego* no processo de defesa”, concebe o funcionamento do sistema mental, considerando como função sintetizadora do *ego*. Na medida em que persistam reações conflitivas como ponto central, ocorreria uma *cisão* do *ego*. Freud descreve que “A função sintetizadora do *ego*, ainda que seja de extremo vigor, encontra-se sujeita a condições particulares e está exposta ao grande número de transtornos” (Freud, 1938/1968, p. 390). Essa descrição avizinha-se do conceito de *Splitting* de Ferenczi mais do que de *Spaltung*, do próprio Freud (Cabré, 2000).

Encaminhando para a conclusão, a pergunta que proponho, é a seguinte: por que o ser humano recorre a si mesmo para dotar-se de experiências de integração? Qualquer resposta aventada como

sendo a mobilização humana para desviar-se da angústia, algo imediatista, tergiversaria. Proponho que a experiência humana de integração, em si mesma, está numa dimensão de necessidade básica, igualmente a de respirar o ar, a de beber a água, a de dormir e de sentir-se alimentado. Sentir-se integrado consigo mesmo, além ser um estado subjetivo oriundo das experiências cumulativas do sistema mental, envolvendo diversidades diárias da relação com o outro ser humano, também, o de permanente excitar-se para transpor a dicotomia de sua natureza humana, onipresente das experiências, é um modo de vir a atingir a unidade – *uno*.

O requinte do ser humano de transpor a sua dicotomia natural, ao longo das gerações, provou sua vasta inventividade em todos os ramos da natureza, seja, enquanto sobrevivência climática através dos milênios, nos encontros de vida e morte enquanto espécie animal. Contudo, entre todas, a mais diferenciada é a criação do alfabeto de computação sequencial numérico da escala binária zero/um. Ao admitir essa invenção como sendo incomparável a qualquer outra invenção, isso requererá uma explicação. É que para ultrapassar o estado coercitivo do próprio raciocínio intelectual dicotômico da natureza humana, precisou-se de uma incrível sinergia para produzir unidade sintética de raciocinar e, conseqüentemente, criar a computação. Como prova, hoje, temos a presença da *Inteligência Artificial* – IA –, que é privilégio único das gerações humanas dos séculos XX, XXI e sucessoras! A semelhança mais próxima desse feito *tecno-imaginário* ocorreu na Antiguidade, que repercutiu na atualidade, ao formular o axioma integrativo de uma representação concreta de *onipresença, onisciência e onipotência*.

Encerrando, sugiro uma analogia da biologia com a linguagem computadorizada, como a sinergia da junção de dois gametas criando um embrião, *Duo faz-se Uno*

Referências

- Aulagnier, P. A. (1979). *A violência da interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Blay, M. (2017). *Critique de l'histoire des sciences*. Paris: CNRS Éditions.
- Cabré, L. J. M. (2000). *Autenticidad y reciprocidad: un diálogo con Ferenczi*. Buenos Aires: Ediciones Biebel.
- Fairbairn, W. R. D. (1994). *From instinct to self: selected papers of W.R.D. Fairbairn. Vol. II: Applications and Early Contributions*. New Jersey, London: Jason Aronson Inc.
- Ferenczi, S. (1992). Notas e fragmentos – integration and splitting 11.11.1932. In *Obras Completas de Sándor Ferenczi Psicanálise Vol. IV*. São Paulo: Martins Fontes.

- Freud, S. (1901). La interpretación de los sueños – material y fuentes de los sueños. In S. Freud. *Obras Completas Vol. I* (pp. 231-584). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967.
- Freud, S. (1915). Adición metapsicologica a la teoria de los sueños. In S. Freud. *Obras Completas Vol. I* (pp. 1069-1075). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967.
- Freud, S. (1920). Mas alla del principio del pracer. In S. Freud. *Obras Completas Vol. I* (pp. 1097-1125). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967.
- Freud, S. (1938). Escision del Yo en el processo de defensa. In S. Freud. *Obras Completas Vol. III* (pp. 389-391). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968.
- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Howell, E. F. (2005). *The dissociative mind*. New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Lalande, A. (1996). *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France.